

POETS OF
MOZAMBIQUE

A Bilingual Selection

POETAS DE
MOÇAMBIQUE

uma selecção bilingue

Translations, Introduction, and Notes by
traduções, introdução e notas de
Frederick G. Williams

Brigham Young University Studies
Provo, Utah

Universidade Eduardo Mondlane,
Maputo, Moçambique

Instituto Camões
Lisboa, Portugal

Luso-Brazilian Books
New York, New York

English translation of the poems, Introduction and Notes copyright © 2005 Frederick G. Williams
Portuguese translation of the Introduction and Notes copyright © 2005 Frederick G. Williams

The original Portuguese versions of the poems in this anthology are copyright by their respective authors.

See copyright acknowledgements on page 470 for more information. All rights reserved.

No part of this book may be reprinted or reproduced or utilized in any form or by any electronic, mechanical, or other means, now known or hereafter invented, including photocopying and recording or in an information storage and retrieval system, without permission in writing from the publisher.

Special thanks to Cláudio Aguiar and Ana C. Loso for the Portuguese version of the Notes and the Introduction; and to Ana Preto-Bay for proofreading the original Portuguese.

Published by Brigham Young University Studies (Provo), Editora da Universidade Eduardo Mondlane (Maputo), Instituto Camões (Lisbon), and Luso-Brazilian Books (New York). Distributed in the US and elsewhere by Luso-Brazilian Books (ISBN Hardcover 0-85051-704-4, ISBN Paperback 0-85051-705-2). Requests for permission to make copies of any part of the work should be directed to: Luso-Brazilian Books, 560 West 180th St., Ste 304, New York, NY 10033, telephone: (800) 727-LUSO (5876), www.lusobraz.com, info@lusobraz.com.

Further information about this book can be found at: www.poetsofmozambique.com

Library of Congress Cataloging-in-Publication Data

Williams, Frederick G. 1940–

Poets of Mozambique : a bilingual selection / translations, introduction, and notes by Frederick G. Williams = Poetas de Moçambique : uma seleção bilingue / traduções, introdução, e notas de Frederick G. Williams.

p. cm.

Includes bibliographical references and index.

ISBN 0-85051-704-4 (hardcover, USA : alk. paper)—ISBN 0-85051-705-2 (pbk., USA : alk. paper)—

ISBN XXXXXXXXX (hardcover, Mozambique : alk. paper)—ISBN XXXXXXXXX (pbk., Mozambique : alk. paper)

1. Mozambique poetry. 2. Mozambique poetry—Translations into English. I. Title: Poetas de Moçambique. II. Williams, Frederick G.

XXXXXXXX

XXXXXXXX

2004011053

* * *

Tradução dos poemas em inglês, Introdução e Notas direitos autorais © 2005 Frederick G. Williams

Versão em português da Introdução e Notas direitos autorais © 2005 Frederick G. Williams

Os direitos autorais das versões originais dos poemas em português pertencem aos respectivos autores.

Ver Direitos Autorais na página 452 para mais informação.

Todos os direitos reservados. É proibido copiar, reproduzir ou utilizar todo ou parte deste livro em qualquer forma, seja ela eletrónica ou mecânica, usando métodos conhecidos ou ainda por ser inventados, incluindo fotocópias, gravações ou sistemas de armazenagem, sem autorização prévia, por escrito, da editora.

Agradecimento especial pela versão em português das notas e introdução, feita por Cláudio Aguiar and Ana C. Loso. Obrigado também a Ana Preto-Bay, pela revisão do português.

Publicado pela Universidade de Brigham Young (Provo), Universidade Eduardo Mondlane (Maputo), Instituto Camões (Lisboa), e Luso-Brazilian Books (Nova Iorque). Universidade Eduardo Mondlane (ISBN 85-XXXXXXXX, ISBN 85-XXXXXXXX), Avenida Karl Marx, 939, 10, Caixa Postal 257, Maputo, Moçambique, tel. 312786. Distribuição em Portugal Instituto Camões (ISBN 85-XXXXXXXX, ISBN 85-XXXXXXXX) Avenida XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX Lisboa, Portugal, Tel. XXXXXXXXXXX. Mais informação sobre este livro, poderá ser encontrada www.poetsofmozambique.com

First edition 2005

Printed in the United States of America

5 4 3 2 1

Sumário

Contents

Prefácio 10

Introdução

Moçambique: um panorama
histórico 16

Preface 11

Introduction

Mozambique: An Historical
Overview 17

Origens

Origins

Literatura Oral 40

Oral Literature 41

Bernardo Romeu Simão

“Os Zavalenses são convidados” 44

Those from Zavala are invited 45

“Congregai-vos, anciãos,
vinde ouvir!” 48

Gather around, ye elders,
come and listen! 51

Felisberto Mulecuane Kambane

“Escutemos os apelos
do Governo!” 52

Let’s listen to the warnings
of the Government! 53

Período colonial séculos XVI–XIX

Colonial Period Sixteenth–Nineteenth Centuries

Luís de Camões 56

Os Lusíadas (selecções) 38

The Lusíads (selections) 39

Tomás António Gonzaga 60

A Moçambique, aqui,
vim deportado 42

To Mozambique, here now,
I’ve come deported 43

Campos Oliveira 64

À Elvira 48

To Elvira 49

Ode Sáfica 50

Sapphic Ode 51

A ti 52

To You 53

O pescador de Moçambique 54

The Fisherman of Mozambique 55

A uma senhora muito feia 58

To a Very Ugly Lady 59

Século XX

(Nascidos nas décadas de 00 & 20)

Twentieth Century

(Born in the 1900s and 1920s)

Rui de Noronha 80

Passas leve . . . 66

You Pass Lightly . . . 67

Amar 70
Por amar-te tanto 72
Soneto 74
Surge et ambula 76

To Love 71
For Loving You So Much 73
Sonnet 75
Emerge Be Ambulant 77

Orlando Mendes 96

Sucessão dos dias 80
Mini-bazar 84
Natais 86
Exortação 90
Dia da vitória 92

Succession of Days 81
Mini-Bazaar 85
Christmases 87
Exhortation 91
Day of Victory 93

José Craveirinha 108

Poema do futuro cidadão 100
“Sou analfabeto” 102
“Ao bom evangelho dos cassetetes” 104
Pena 106
Para um idílio clandestino 108
Dia de visita 110
Ciência 112
Eu prestidigitador emérito 114
Homem e formiga 116
Reza, Maria! 118

Poem of the Future Citizen 101
I'm illiterate 103
To the fine gospel of the billy clubs 105
Pity 107
For a Clandestine Idyll 109
Visitors Day 111
Science 113
I Prestidigitator Emeritus 115
Man and Ant 117
Pray, Maria! 119

Fernando Couto 140

Renovação 124
Lamentação do exílio 126
Recordação do
 país longínquo 128
Calmaria 132
Gorongosa,
 o parque nacional antes . . . 134

Renovation 125
Lamentation of Exile 127
Remembrance of the
 Far-Away Country 129
Doldrums 133
Gorongosa,
 the National Park Before . . . 135

Glória de Sant'Anna 154

Poema da mãe negra 138
Maternidade 140
Poema sétimo 142
Poema do mar 146
Poema para um dia de chuva 148

Black Mother Poem 139
Maternity 141
Seventh Poem 143
Poem of the Sea 147
Poem for a Rainy Day 149

Noémia de Sousa 168

Negra 154
A Billie Holliday, cantora 156
Descobrimto 160
Deixa passar o meu povo 162
Magaíça 166
Se me quiseres conhecer 168
Se este poema fosse . . . 170

Black Woman 155
To Billie Holliday, Singer 157
Discovery 161
Let my People Go 163
Magaíça 167
If You Want to know Me 169
If This Poem Were . . . 171

ORIGINS

ORIGENS

Literatura Oral

Não conhecemos os nomes nem as obras dos primeiros poetas de Moçambique; no entanto, a tradição da literatura oral (especialmente contos, provérbios e poemas) é forte entre os povos indígenas de Moçambique. Em 1560, quando o Padre jesuíta português, André Fernandes, entrou na terra dos Tsongas (hoje o povo de fala Chope oriundo da Província de Inhambane), disse que ficou surpreso ao encontrar um povo que tinha a tradição de cantigas acompanhadas por instrumentos musicais (o búzio e a timbila ou marimba, o qual teria originado em Moçambique e transportado junto com os escravos à Cuba e ao Brasil), e identificado os dois principais assuntos das composições como sendo de louvor e crítica.

É esta gente muito dada a prazeres de cantar e tanger. Seus instrumentos sam muitas cabaças liadas com cordas e páu feito em arco[,] algumas grandes e outras pequenas. . . . As cantigas que cantam commumente sam de louvor . . . e critica. (Henri Philippe Junod, *Moçambique, Documetário Trimestral*, no. 17 [Janeiro–Março 1939] Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1939, pp. 17–18).

A tradição das cantigas de louvor e crítica continua até hoje entre os Chopes numa produção musical de oito partes chamada *M'saho*. Um festival musical anual, centralizada principalmente na cidade de Zavala em Inhambane, envolve dançarinos e cantores, acompanhados por suas orquestras timbilas. O ponto alto de cada *M'saho* é o *M'zeno* ou canto solene, cujo texto poético muitas vezes emprega crítica, história, notícias do dia e humor satírico.

Em 1940, o investigador, Hugh Tracey, da África do Sul, foi o primeiro a gravar e a publicar as cantigas compostas na área de Zavala. Não surpreende que muitas falam da segunda guerra mundial (um poema explica, com ironia, que a disputa entre a Inglaterra e a Alemanha é devido a uma linda mulher da vila). Desde então, outros estudiosos vem acrecendo o acervo dos versos inéditos da poesia oral composta em Chope.

Os primeiros dois poemas desta antologia são da autoria de Bernardo Romeu Simão, e o terceiro, de Felisberto Mulecuane Kambane. Foram

Oral Literature

The names and the works of the first poets of Mozambique are unknown to us; but the tradition of oral literature (especially stories, proverbs, and poems) is strong among the indigenous peoples of Mozambique. When, in April of 1560, the Portuguese Jesuit Priest, André Fernandes, entered the land of the Tsonga (today's Chope-speaking people in the Province of Inhambane), he was surprised to find a people who had a tradition of singing poetic songs, accompanied by musical instruments. Two years later, in a letter to his brothers in Portugal, Father Fernandes described the musical instruments (the conch shell trumpet and the timbila or marimba, the latter said to have originated in Mozambique and then transported with the slaves to Cuba and Brazil), and identified the two principle subjects of these song-poems as praising and criticizing.

These people are very given to the pleasures of singing and of music performance. Their instruments consist of many gourds tied together with cords and wood forming an arc[,] some of them large and others small. . . . The songs they sing are usually of praise . . . and of criticism. (Henri Philippe Junod, *Moçambique, Documetário Trimestral*, no. 17 [January–March 1939] Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1939, pp. 17–18.)

The tradition of singing songs of praise and of criticism continues to this day in an eight-part musical production called the *M'saho* among the Chope-speaking people. Centered primarily in the city of Zavala, Inhambane, a festival competition for the best musical composition is held annually, which involves dancers and featured singers, each accompanied by their marimba orchestras. The high point of each *M'saho* is the *M'zeno* or solemn song, whose poetic text often includes criticism, history, news of the day, and satirical humor.

In 1940, the South African scholar, Hugh Tracey, became the first to record and publish the song-poems composed in the area of Zavala. Not surprisingly, many speak of World War II (one poem explains, tongue-in-cheek, that the conflict between England and Germany is over a beautiful woman living in the village). Since then, other researchers have added to

colegidos na região de Zavala no fim do século XX pelo Professor Valdemiro Jopela da Universidade Eduardo Mondlane, que também me providenciou a transcrição Chope e a tradução Portuguesa.

the growing corpus of the here-to-fore uncollected oral verses composed in Choje.

The first two poems that appear in this anthology were written by Bernardo Romeu Simão, the third by Felisberto Mulecuane Kambane. They were collected in the region of Zavala at the end of the twentieth century by Professor Valdemiro Jopela of the University of Eduardo Mondlane, who also provided me with the Choje transcriptions and Portuguese translations.

“Vathu va Zavala va dhanwa”

Vathu va Zavala va dhanwa.
Va Nhakutoweni, hi naya manana
Dhoropani Nyambane.
Nado, mwanathu, hitshude ku sika m'zeno
Hinaya ziva ku tumbunuka ka cidade
capital Nyambana
Kale ka kona vanga cinda khona i Sewe.

Hivawoni nimataru valungu vacita.
Vamadji va kona va cifuyelega Ciletu.
Vasco da Gama va khavona abete
Nyamue.
A diya mana Mahamuge ni mai Khudzi
Vaci daya tindjandji.
Va di kuhuma vaci vawotisela.

I diku halo idi matshutsela ditshikudo
Mahamuge adi khene “belani khu nyumbani”.
Sé valungu va so bhala: Inhambane.
Ni mhuno wa mhuno sé ku danwa
Nyambane doropani
Vetani timbila hici dikulungela.

“Ditiko da vathu vavanene” kha valungu
Kasi vadiko hidielela hla
Khudzi.
Ndiva valungu va hitekede sipeto
Hi ti woni
kudimiswa
Micongo ya Saleleni ngu Rolando
Madeira.
Juro, valungu va hi xaniside.

“Os Zavalenses são convidados”

Os Zavalenses são convidados.
Nhacutouenses, encontrar-nos-emos
Na cidade Inhambane.
Nado, irmão, componha-nos um *m'zeno*
Que vai narrar a fundação da cidade
capital Inhambane,
Que dantes se chamava Sewe.

Vimos os branco chegando em barcos.
Tais brancos eram barbudos.
Dizem que Vasco da Gama entrou em
Nhamue.
Encontrou Mahamugue e mãe Khudzi
A pescarem.
Sairam dos barcos, inquiriram-nos.

Choviscava nesse dia e Mahamugue
Ddisse-lhes entrem, *belani khu nyumbani*.
E os brancos escreveram: Inhambane.
Até hoje, a cidade se chama
Inhambane.
Toquem as *timbilas* saudando-a.

“Terra de boa gente” dizem os brancos
Quando afinal nos enganavam, juramos
pela Khudzi.
E ei-los que nos arrancaram os palmares,
Vimo-nos obrigado a fazer o trabalho
forçado
Nos machongos de Salela, pelo Rolando
Madeira.
Com certeza, os brancos maltrataram-nos.

Those from Zavala are invited

Those from Zavala are invited.
People from Nhacutou, we'll see you there
In the city of Inhambane.
Nado, my brother, compose a *m'zeno* for us
That tells of the founding of this capital city of Inhambane,
That used to be called Sewe.

We saw the white man arrive in ships.
The white men wore beards.
They say Vasco da Gama entered Nhamue.
He found Mahamugue and mother Khudzi
Out fishing.
The white men left their ships, to inquire of us.

It was springkling that day and Mahamugue greeted them saying
Please come in, *belani khu nyumbani*.
And the white man wrote down: Inhambane.
To this day, the city is called Inhambane.
Play the *timbilas* in her honor.

“Land of good people” say the white folks
When in fact they deceived us, we swear by Khudzi.
And see, they took the palm groves from us,
We were forced to perform hard labor
In the marshes of Salela by Rolando Madeira.
I swear, the whites did mistreat us.

M'fana wa Saleleni majhaha, anga dawa
ngu ciphisa
Ca Rolando Madeira.
M'fana wa vane kudawelwa cimova
cinene!
Ta hikarata kuxawutela
totshelele
Tile hinga mahwa ngu mkolonhi.
Ngu ha kokwane anga mba sikota kubala.

Hikarate ngu kudiswa mbinheto ngu val-
ungu.
Mondlana, mwanathu, hikhulule, Dowo!
Ndiva valungu va tsulela Mboweni.
A hisaleni Kudima tithomba
Ta kuna kulisa Moçambique wathu.
Wuya Chissano ucita fuma wukoma.

Um jovem de Salela, homens,
foi morto
Pelo fuzil de Rolando Madeira.
Jovem morto por causa somente de uma
cana-doce!
É-nos difícil contar tudo o que passámos
com o colono
Porque o nosso avô não sabia escrever.
Estamos saturados da exploração.

Estamos cansados de maus tratos dos
colonos.
Mondlande, irmão, salva-nos, Douo!
Eis que os colonos vão a Lisboa.
Vamos produzir riqueza
Para engrandecer o nosso país.
Chissano, volta reinar!

M'zeno por ocasião da comemoração
do 260º aniversário da cidade de
Inhambane

Gentlemen, a young man of Salela, was killed
By Rolando Madeira's rifle.
A young man was killed merely over some sugarcane!
It is hard for me to tell all that happened with the colonizers
Because our grandfather didn't know how to write.
We are tired of being exploited.

We are tired of the evil-treatment of the colonizers.
Mondlane, our brother, save us, Douo!
Behold, the colonizers return to Lisbon.
We will produce riches
To enhance our country.
Chissano, return and reign!

M'zeno on the occasion of the commemoration
of the 260th anniversary of the city of
Inhambane

“Lavanani motshenu madhota micita
enguisa!”

Lavanani motshenu madhota micita
enguisa!

“Nado, mwanathu, hi gondise ndando ya
kuxautela”.

Athu hi vawoni vamadji valungu
nikutawulela,
Vata ngu Europa vata vhavhanya
Moçambique.

Kudhuma cibalu ni kupekwa manza ngu
maputukezi.
Hilamulele Mondlane, mwanathu
haguma.

Athu himoni Doutor Mondlane eteka
dipfumba
Ndiyo watsula aya Mboweni ka
maputukezi.

“Vthu vangu vakarate, valungu, ngu ku
tsotsorolwa,
Khukhani mipune micitsula kwanu
Mboweni”!

Salazar ngu maha cipumbu é maha mbongola,
Khangam yikoa milayo ya tate Mondlane.

Wa wuya tate Mondlane acidila mirongo
ngu ku pandiseka:
“Kufa ni kuhanha majaha, tafana tekani sib-
hamu hicilwa m’bango”!

Kukhukhela Rovuma kala Maputo ya
didizela.
“Nyerere, mwanathu, hivunete kulwa ni
maputukezi”.

“Congregai-vos, anciãos,
vinde ouvir!”

Congregai-vos, anciãos,
vinde ouvir!

“Nado, irmão, ensina-nos um canto
narrativo”.

Vimos os brancos portugueses a
entrarem,
Vindos da Europa e invadiram
Moçambique.

Só se ouve falar no xibalo e no bater nas
mãos (pelos brancos).
Acuda-nos, Mondlane, irmão, estamos a
ser dizimados.

Nós vimos o
Doutor Mondlane
A empreender uma viagem para Lisboa,
aos portugueses.

“Portugueses, o meu povo está cansado
de maus tratos,
Ide por vós mesmos à vossa terra
Lisboa”!

Salazar fez-se estúpido e ignorante,
Não cumpriu as leis de pai Mondlane.

Pai Mondlane volta chorando de desgosto
e tristeza:
“Vida ou morte, rapazes, é tudo igual,
peguem em armas e lutemos!”

Do Rovuma ao Maputo
luta-se.
“Nyerere, irmão, ajuda-nos a lutar contra
os Portugueses”.

Gather around, ye elders,
come and listen!

Gather around, ye elders, come and listen!

“Nado, my brother, teach us a narrative song.”

We saw the white Portuguese when they arrived,
They came from Europe and invaded Mozambique.

All one hears about is the xibalo and swatting our hands (by the white man).
Help us, Mondlane our brother, we are being decimated.

We saw Doctor Mondlane
Undertake a trip to Lisbon to speak to the Portuguese.

“White man, my people are tired of the mistreatment,
Leave on your own accord for your land of Lisbon.”

Salazar acted stupidly and ignorantly,
He did not keep the laws of father Mondlane.

Father Mondlane returned crying tears of disappointment and sorrow:
“Life or death, boys, it’s all the same, take up arms and let’s fight!”

There’s fighting from the Rovuma to the Maputo River.
“Nyerere, our brother, help us fight against the Portuguese.”

Vinte cinco ka Setembro wa sessenta e
quarto,
Ndiyele yimbi yi sate kukhataka Chai,
madhota.

“Kuthava ka yimbi ngu ku songolela”,
tiwomba valungu
Vapfako wutshi citingani
Tete ni Niassa.

“Tata Samora, hi khozide” tiwomba valungu.
Hetsule Lusaka hi ciya lamulwa ngu
Kaunda.

Mikulungwane ya kutala ndiyeyo yipfala
Machava,
Va wona Samora agwimba mjeke wa nkul-
uleko.

Vinte e cinco de Setembro de sessenta e
quarto,
A guerra começa
em Chai.

“Foge-se da guerra madrugada” dizem
os brancos
Que sentem o fumo (da guerra) no mato
de Tete e Niassa.

“Pai Samora, desculpe” dizem os brancos.
Vamos a Lusaka ser julgados pelo
Kaunda.

Ouvem-se muitos gritos de alegria na
Machava,
Vêem Samora a içar a bandeira da liber-
dade.

M'zeno de 1982

On the twenty-fifth of September of nineteen hundred and sixty-four,
The war began in Chai.

“One can escape the war by rising early,” says the white man
Who smells the smoke (of war) in the jungles of Tete and Niassa.

“Father Samora, we’re sorry” say the white men.
We are going to Lusaka to be judged by Kaunda.

Shouts of joy are heard in Machava,
They see Samora raising the flag of liberty.

M’zeno of 1982

**“A hi engiseni mahungu
Maciwombwa!”**

A hi engiseni mahungu Maciwombwa!
Ngu mfumo Moçambique kug umide
citshungu
Ngu mati a Mwalungu,
Vandindidwe ni tihomu vatsude.

A hivhunaneni citshungu.
Hicivhuna vakwathu,
Moçambique kipfala mirongo.

Va Zavaleni vasika timbila,
Vo pwata inxayis hotsimila.
Hicimahwa vanyantsanzale vo rukwa
wusakato
Ngu vava vo mana
vaxayisi.

Hi humiside apoio va Zavaleni
Ya ku vhuna vakwathu Partido khayi
hinigi xamulo.
Ina hinga tsaka toneto?
Timbilu to zumba ticipanda.

Presidente wa dila mirongo
A wona citshungu
cinga guma.
Actisula Roma eya kombela apoio ya yinene
Ya ku mwendo a nata wusa sitarato.

Catini a wombide ku khata:
“Inthu ni inthu ni felo yakwe”.
Hambi hingadia hicikhura,
A hivereleni xamulo;
Hotshelele hina dhanwa/guma”.

**“Escutemos os apelos
do Governo!”**

Escutemos os apelos do Governo!
Em Moçambique morreu muita
gente
Devido às cheias,
For arrastada com o seu gado e desapareceu.

Apoiamo-nos uns aos outros.
Só há lágrimas em todo o lado,
Em Moçambique só se fala de lágrimas.

Os de Zavale são bons compsitores,
Só não têm patrocinador, nem apoios.
Convidados a actuarem, apresentam-se
andrajosos
E são gozados pelos que têm apoios e
patrocinadores.

Nós apoiámos os outros
Mas o Partido
nada diz.
Será que isso nos pode alegrar?
Nossos corações doem.

O presidente chora lágrimas de tristeza
Em consequência da morte das
populações.
Foi a Roma pedir bom apoio
Para reabilitar as estradas.

Catine o disse primeiro:
“Cada um tem o seu destino traçado”.
Ainda que nos refastelemos,
Esperemos pela chamada;
Todos nós seremos chamados a morrer.

*M'zeno de 2000,
ano das cheias*

Let's listen to the warnings of
the Government!

Let's listen to the warnings of the Government!
Many people have died in Mozambique
Because of the flooding,
They were swept away with their cattle and disappeared.

Let's support one another.
There are only tears everywhere,
In Mozambique people only speak of tears.

Those from Zavala are good composers,
It's just that they have no one to sponsor them, no support.
When they are invited to perform, they appear in rags
And are made fun of by those who have sponsors and support.

We supported the others
But the Party has nothing to say.
Do you think this makes us happy?
Our hearts ache.

The president cries tears of sorrow
In consequence of the death of the people.
He went to Rome to ask for support
To reconstruct the highways.

Catine said it first:
"Each has his destiny sketched out."
Even though we may eat well,
Let us be waiting for the call;
We will all be called to die.

M'zeno of 2000,
the year of the floods

COLONIAL PERIOD
Sixteenth–Nineteenth Centuries

PERÍODO COLONIAL
séculos XVI–XIX

Luís de Camões

(1525[?]–1580)

Luís Vaz de Camões é considerado o maior poeta da língua portuguesa. Assim como Shakespeare, não existem muitos detalhes concretos sobre a sua vida. Embora, os seus antepassados tenham pertencido à nobreza menor, a família havia empobrecida. Apesar de ser um dotado escritor, Camões foi obrigado a fazer a sua carreira no exército e serviu durante muitos anos no império português além-mar.

A colecção completa das obras existentes de Camões inclui três peças, quatro cartas, o poema épico nacional *Os Lusíadas* e um número considerável e variado de poesia lírica, sendo a sua maior parte sonetos, canções, élogos, etc., que seguiram o estilo renascentista; há também uma variedade de versos tradicionais, incluindo cantigas, baladas e glossas.

As oitavas incluídas nesta antologia foram retiradas do poema épico de Camões, *Os Lusíadas*. A terceira estrofe apresenta a resposta à pergunta “quem são vocês e que lugar é este?” feita por Vasco da Gama na primeira troca de palavras entre os habitantes afro-árabes muçulmanos, da ilha de Moçambique e os marinheiros portugueses. A pequena frota de Vasco da Gama tinha parado na ilha antes de continuar a sua viagem para o norte e mais tarde para o oriente atravessando o Oceano Índico até Calecute, na Índia, em 1498. Alguns setenta anos mais tarde, em 1567, no regresso a casa e depois de muitos anos ao serviço do império além-mar português, Camões chegou paupérrimo a Moçambique de Goa, na Índia. Aqui encalhado, Camões só pôde continuar a sua viagem em 1569, graças à generosidade de outro viajante a caminho de casa, o historiador Diogo Couto, que pagou pela sua passagem de regresso a Lisboa.

Luís de Camões

(1525[?]–1580)

Luís Vaz de Camões is regarded as the premier poet in the Portuguese language. As with Shakespeare, almost nothing concrete is known about the details of his life. Although his ancestral family may have once belonged to the minor nobility, it had become impoverished. Gifted as a writer, he nevertheless was forced to make his life's career that of a soldier to the kind and served for many years throughout Portugal's overseas eastern empire.

Camões' extant corpus includes three plays, four letters, and the national epic, *Os Lusíadas* (The Lusiads), plus a substantial and varied amount of lyric poetry. Chief among the latter are sonnets, *canções*, and eclogues which follow the Renaissance style; he also produced a variety of traditional verses, including *cantigas*, ballads, and glosses.

The octaves included in this anthology are taken from Camões' epic poem, *Os Lusíadas*. The third one presents the answers to the queries "who are you people and what place is this?" raised by Vasco da Gama in the first verbal exchange between the Islamic Afro-Arabic inhabitants of the Island of Mozambique, and the Portuguese mariners. Vasco da Gama's small fleet had stopped at the island before continuing its journey northward and then eastward across the Indian Ocean to Calcut, India, in 1498. Some seventy years later Camões, on his return home after many years of service in the Portuguese overseas empire, arrived there penniless in 1567 from Goa, India. Stranded, Camões was only able to continue his journey in 1569, thanks to the generosity of another homeward bound traveler, historian Diogo do Couto, who paid for his passage back to Lisbon.

Os Lusíadas

(Canto I:1, 2)

As armas e os barões assinalados
Que, da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

(Canto I:54)

Esta Ilha pequena que habitamos
É em toda esta terra certa escala,
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique
Chama-se a pequena Ilha—Moçambique.

The Lusiads

(Canto I:1, 2)

The arms and barons chosen, called, and fated
Who, from the Lusitanian Western shore,
Through seas that ne'er before were navigated,
Passed well beyond Taprobana and more,
Faced dangers, wars, but fought invigorated,
Beyond what human strength promised before,
And there established mid those distant nations
New Kingdom, they exalted with oblations;

And also all the glorious memories
Of all those Kings who sent forth consecrating
The Empire, Faith, through vicious lands and seas
Of Asia, Africa went devastating,
And those who, with their valiant works, appease,
Are from the law of Death men liberating:
By singing I'll spread forth to every part,
If I am aided by my wits and art.

(Canto I:54)

This little Island which we habitate
All through this land's a must-stop port-of-call,
For all who sail the waves and navigate,
From Quíloa, from Mombassa, and Sofal'.
And, since it's prized, we seek to populate
This place as though we're native sons, withal;
And since all know concerning what we speak
This little Island's known—as Mozambique.

Tomás António Gonzaga

(1744–1810)

Tomás António Gonzaga, neto e filho de magistrados brasileiros, nasceu no Porto, em Portugal. Ele cresceu na Bahia, no Brasil, mas voltou a Coimbra, Portugal para estudar direito. Posteriormente, foi designado magistrado em Vila Rica (hoje Ouro Preto), a capital de Minas Gerais, no Brasil. Aqui, aos quarenta e quatro anos de idade, ele conheceu e apaixonou-se por Doroteia de Seixas, uma bela jovem, quase trinta anos mais jovem que ele, a quem ele chamou de Marília e tentou galantear com a sua poesia. Tomou Dirceu como o seu nome árcade e publicou os seus poemas de amor sob o título *Marília de Dirceu*.

Os seus planos de casamento foram interrompidos em 1789, quando foi preso, por suspeita de participação na “Inconfidência Mineira”, um movimento de independência, que nunca avançou para além da fase inicial de planeamento. Acabou por ser exilado para a ilha de Moçambique, onde, chegou no dia 31 de Julho de 1792, depois de três anos de prisão no Rio de Janeiro. Embora degredado, foi bem recebido pela mais alta camada social, e exerceu vários cargos, incluindo promotor do juízo de defuntos e ausentes e de advogado dos auditórios públicos.

No dia 9 de Maio de 1793, Gonzaga, com 48 anos de idade, casou-se com Juliana de Sousa Mascarenhas, uma jovem de 19 anos. O casal teve dois filhos. Gonzaga morreu na ilha de Moçambique em 1810.

O poeta novecentista Campos Oliveira encontrou os seguintes versos de Gonzaga, escritos à mão, numa edição de poetas Brasileiros *Lyras* na ilha de Moçambique e publicou-os no suplemento do *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa) do ano 1888, p. 35. Ver Manuel Ferreira, *O mancebo e trovador Campos Oliveira*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 41–42.

Tomás António Gonzaga

(1744–1810)

Tomás António Gonzaga, son and grandson of Brazilian magistrates, was born in Porto, Portugal. Raised in Bahia, Brazil, but returning to Coimbra, Portugal for his law degree, he was eventually appointed magistrate in Vila Rica (today Ouro Preto), capital of Minas Gerais, Brazil. Here at age forty-four, he met and fell in love with Doroteia de Seixas, a beautiful young girl nearly thirty years his junior, whom he called Marília and whom he attempted to woo through his poetry. He took Direceu as his Arcadian name and published his love poems as *Marília de Dirceu*.

Plans for their marriage were interrupted in 1789 when he was arrested, suspected of participating in the “Inconfidência Mineira,” the independence movement that never advanced beyond the talking stages. He was exiled to the island of Mozambique, where he arrived July 31, 1792, after three years of prison in Rio de Janeiro. Although in exile, he was well received by the highest members of society and held various positions of importance, including judge advocate for dead and absent, and public attorney.

On May 9, 1793, Gonzaga, who was 48 years old, married Juliana de Sousa Mascarenhas, a young 19-year-old woman. The couple had two children. Gonzaga died on the island of Mozambique in 1810.

The nineteenth-century poet Campos Oliveira found the following verses by Gonzaga in an edition of Brazilian poets entitled *Lyras* on the island of Mozambique in their handwritten form, and published them in the supplement of the *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisbon) for the year 1888, p. 35. See Manuel Ferreira, *O mancebo e trovador Campos Oliveira*, Lisbon: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 41–42.

“A Moçambique, aqui, vim deportado”

A Moçambique, aqui, vim deportado,
Descoberta a cabeça ao sol ardente;
Trouxe por irrisão duro castigo
Ante a africana, pia, boa gente.
 Graças, Alcino amigo,
 Graças à nossa estrela!

Não esmolei, aqui não se mendiga;
Os africanos peitos caridosos
Antes que a mão o infeliz lhe estenda
A socorrê-lo correm pressurosos,
 Graças, Alcino amigo,
 Graças à nossa estrela!

To Mozambique, here now, I've come deported

To Mozambique, here now, I've come deported,
My head's uncovered in the burning sun;
I'm brought to sore derisive punishment
Before the good and pious African.

Thanks, my friend Alcino,
Thanks be to our star!

I didn't ask for alms, here there's no begging;
The charitable Africans have made
Before a poor man's hand can be outstretched
A hurried dash to offer him their aid,

Thanks, my friend Alcino,
Thanks be to our star!

Campos Oliveira

(1847–1911)

José Pedro da Silva Campos e Oliveira nasceu em Cabaceira, na ilha de Moçambique no dia 17 de Abril de 1847 e morreu no mesmo local no dia 1 de Janeiro de 1911. O seu biógrafo, Manuel Ferreira, não tem certeza quanto à etnia do poeta, que podia ser africana-negra, indiana, portuguesa ou ser uma mistura das três. Só é conhecido o nome da sua mãe, Anna Maria da Silva Campos, que morreu antes do quinto aniversário do seu filho. Pensa-se que ele tenha sido levado ainda como criança para Margão, Goa na Índia (que permaneceu parte do império além-mar português até Dezembro de 1961), onde estudou direito.

Campos Oliveira iniciou a sua carreira literária enquanto estava em Goa, com contribuições para periódicos literários, revistas e jornais. Após o seu regresso a Moçambique (circa 1866) continuou a publicar poemas e ensaios numa variedade de meios (incluindo alguns em Lisboa), porém, parece que ele nunca colecionou, nem preparou os seus versos para publicação num só volume. Um estudo do seu trabalho juntamente com 31 dos seus poemas, intitulado *O mancebo e trovador Campos Oliveira* foi preparado por Manuel Ferreira e publicado em 1985, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Até nova pesquisa provar o contrário, Campos Oliveira tem a distinção de ser o “primeiro” poeta moçambicano de expressão portuguesa e o único que se conheça do século dezanove. A sua poesia reflecte um sabor romântico, um movimento que tendo chegado tardiamente à Península Ibérica, chegou ainda mais tarde às províncias portuguesas no além-mar. A sua forma inclui versos para entreter visitas tais como epigramas e charadas e as estrofes medievais da tradicional balada chamadas de quadras, as quais consistem em versos de sete sílabas, organizados em quartetos, com rima entre o segundo e o quarto verso.

Campos Oliveira serviu como secretário na Administração da ilha de Moçambique e como director dos Correios. Foi ele que encontrou e publicou em 1888, os desconhecidos versos do grande poeta do século dezoito, Tomás António Gonzaga.

Campos Oliveira

(1847–1911)

José Pedro da Silva Campos e Oliveira was born in Cabaceira on the island of Mozambique on April 17, 1847, and died there on January 1, 1911. His biographer, Manuel Ferreira, is unsure of the poet's ethnicity, whether Black African, East Indian, Portuguese Caucasian, or some mixture of the three. Only his mother's name is known, Anna Maria da Silva Campos, and she died when her son was not yet five years old. It is thought he was taken as a child to Margão, Goa, in India (which would remain a Portuguese overseas province until December of 1961), where he studied law.

Campos Oliveira began his literary career while in Goa, with contributions to local literary journals, magazines, and newspapers. Upon his return to Mozambique (c. 1866), he continued to publish poems and essays in a variety of venues (including some in Lisbon), but it appears that he never collected nor prepared his verses for publication in a volume. A study of his work together with some 31 of his poems was prepared by Manuel Ferreira, with the title of *O mancebo e trovador Campos Oliveira* and was published in 1985 by the Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Until further research yields a different picture, Campos Oliveira has the distinction of being the “first” Mozambican poet of Portuguese expression, and the only one known in the nineteenth century. His poetry reflects a flavor of romanticism, a movement that, having arrived late in the Iberian Peninsula, arrived still later in Portugal's overseas provinces. His forms include parlor verses such as epigrams and charades, and the traditional medieval ballad stanza called *quadras*, which are seven-syllable lines arranged in quatrains, with the second and fourth verses rhyming.

Campos Oliveira served as a secretary in the Administration of the island of Mozambique and as director of the postal service. It was he who found and published in 1888 some hither-to-unknown verses by the great eighteenth-century poet Tomás António Gonzaga.

À Elvira

És meu prazer, minha vida,
Terna amiga, meu amor,
Enleio do peito meu,
Linda e perfumada flor;
Virgem bela, por ti morro,
Ingrata não sejas, não!
Nume meu, por ti darei
A vida—o céu—a razão.

1866

To Elvira

Thou art my joy, thou art my life,
A tender friend, and dearest love,
The soul mate to my bosom tied,
My perfumed flower, turtledove;
Oh lovely maid, for thee I die,
Oh no, I pray, don't be unkind!
Sweet numen, I would give for thee
My life—the heavens—and my mind.

1866

Ode sáfica

Se de teus olhos tentadores, vivos,
um doce olhar me desses de ternura,
abrandaras a mágoa que em meu peito
férvido lava!

Se os teus carmíneos, perfumados lábios
meigo sorriso para mim abrissem,
cessar podiam as que verto agora
lágrimas tristes!

Se beijar-te pudesse a face linda,
em que rebrilha tímida inocência,
eu sentira talvez reviver minha alma
gélida e negra!

Se, alfim me desses teu amor de virgem,
—amor, que por um cetro não trocara—
eu fora alegre, e achara nesta vida
célicas ditas!

1873

A *ode sáfica* é uma forma poética com um padrão estrófico e metrficação específicos que traz o nome de Safo, poetisa grega do século VII a.C. O padrão consiste de três versos hendecasilábicos, cada um com cinco pés, organizados — u / — — / — u u / — u / — u (ou seja um pé trocaico, um spondaico, um dátilo e dois trocaicos), e um quarto verso de cinco sílabas consistindo de dois pes — u u / — u (ou um pé dátilo seguido por um pé trocaico).

Sapphic Ode

If from your eyes temptingly, lively looking,
a tender glance over my way were sent me,
you would touch my bosom and dull the pain that's
fervently burning!

If upon your carmine and perfumed lips there's
found a kind smile lovingly formed for me then
all the tears I sorrowing shed would soon be
over and done with!

If allowed to kiss your sweet lovely face where
always shines bright innocence smiling shyly,
then perhaps I'd feel my own soul reviving
black now and freezing!

If your love you'd finally given to me,
—love for which I never would trade a scepter—
happy I would be for I'd found in living
fortune celestial!

1873

The **Sapphic ode** is a poetic form with a specific strophic pattern and meter named for the Greek poetess, Sappho, who wrote around 600 B.C. The pattern consists of three verses of eleven syllables or hendecasyllables, each containing five feet, arranged — u / — — / — u u / — u / — u (or verses consisting of one each of a trochaic, spondaic, and dactylic foot, followed by two additional trochaic feet), and a fourth verse consisting of five syllables containing two feet, arranged — u u / — u (or a dactylic followed by a trochaic foot).